



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

MEMÓRIAS

Susana Soares Lopes

susanasoaresrodrigueslopes@gmail.com

*Nesses dias era sílaba a sílaba que chegavas.
Quem conheça o sul e a sua transparência
também sabe que no verão pelas veredas
de cal a crispação da sombra caminha devagar.
De tanta palavra que disseste algumas
se perdiam, outras duram ainda, são lume
breve arado ceia de pobre roupa remendada.
Habitavas a terra, o comum da terra, e a paixão
era morada e instrumento de alegria.
Esse eras tu: inclinação da água. Na margem,
vento areias mastros lábios, tudo ardia.*

Eugénio de Andrade

Quando cheguei ao Porto em Janeiro de 75 aterrei literalmente no meio da festa que se iniciara em Abril de 74. Lembro-me bem da Susana Correia, em aulas que partilhávamos na Faculdade de Letras, a programar com grande entusiasmo e determinação uma viagem de estudo ao sul. Ainda não a conhecia bem, pelo que não sabia que, para a Susana, a alegria de arquitectar viagens era quase maior do que as concretizar. Mas fui contagiada desde cedo pelo espírito quase épico daquele empreendimento, que implicava que cada participante custeasse do seu bolso todas as despesas, o que, na época, constituía por si só uma aventura deliciosa. A viagem organizada pela Susana

cumpriu-se algures numa Primavera e foi palco do nascimento entre nós duma amizade que se desenvolveu ao longo de mais de quatro décadas.

A segunda metade da década de setenta viu sucederem-se diversas viagens relacionadas com a aprendizagem da arqueologia, em que eu e a Susana participámos, juntamente com outros estudantes e/ou arqueólogos portugueses. Destaco uma memorável viagem à Alemanha Ocidental oferecida pelo Instituto Arqueológico Alemão, em que visitámos inúmeros laboratórios e museus de arqueologia. Ou uma viagem ao sul de França, em que colaborámos, durante um mês, nas escavações dum dólmen, sob a direcção de Henri Duday. Ou ainda diversas visitas à Galiza, com o intuito de estabelecer contactos com instituições e arqueólogos galegos. A Susana irradiava alegria, temperada com grande sentido de humor e, por vezes, um notável pragmatismo, características que iria manter quase intactas ao longo da sua vida. Contudo, o que mais me fascinou, desde o início, foi a preocupação ética da Susana em ser justa e a coragem e determinação com que afrontava todos os obstáculos para cumprir tal missão. Aliás, esta sua faceta ética era antiga. De facto, a revolução de Abril haveria de a encontrar suspensa da Universidade, por se ter solidarizado anteriormente com colegas que, em aulas da Faculdade de Letras, se tinham declarado oponentes ao regime da ditadura. Após 74, num contexto de liberdade,

mas de grande diversidade ideológica, a Susana brandia as suas convicções políticas e sociais com grande frontalidade, procurando convencer o outro pelo diálogo e pela argumentação, exercício que exigia dela não raras vezes coragem física e moral. No Porto, nessa época, e no meio que frequentávamos, havia uma pessoa que exibía qualidades de carácter igualmente marcantes: a Manuela Delgado. Arqueóloga duma geração mais antiga, a Manuela Delgado foi, durante um breve período, nossa professora na Faculdade de Letras do Porto, antes de ter assumido o cargo de Directora do Museu D. Diogo de Sousa em Braga. De facto, tornou-se também nossa amiga, tendo-nos ensinado bastante mais do que arqueologia. Nessa fase festiva da segunda metade de 70, eu e a Susana devemos à Manuela Delgado permanentes lições de verticalidade de princípios e duma imensa coragem para os sustentar publicamente. A Manuela era para nós uma mãe de mente aberta, que temperava a nossa juventude com a força e a experiência duma vida repleta de aventuras em busca da liberdade.

Num determinado momento, a Susana foi trabalhar para o Campo Arqueológico de Bracara Augusta em Braga. Vivendo entre Braga e Porto, um dia disse-me que o seu desejo era ir para o sul, e vaticinou-me que, antes de cinco anos passados, eu a veria a viver e trabalhar em Lisboa. Claro, tomei aquilo como um simples sonho passageiro. Ainda não tinha bem a noção de quanto era importante para a Susana afastar-se do Porto e do norte, em geral, e, sobretudo, como ela era obstinada na concretização de projectos que considerasse vitais para o seu crescimento pessoal. A Susana dessa época andava em demanda de algo indizível, pelo menos para mim. Sem que eu me apercebesse ia aprendendo com ela a subtil arte duma persistência focada.

Em 1979 coordenei a escavação do sítio pré-histórico de Chã do Castro, Joubreia, em Amares. A Susana fazia parte da equipa. Algures durante essa campanha de escavações decidi que no ano seguinte iria iniciar um novo ciclo de investigações, desta feita em Trás-os-Montes, com vista à minha futura tese de doutoramento. Entretanto, a Susana estava à beira de ir viver para Lisboa e trabalhar no Museu Nacional de Arqueologia. Durante essa campanha conversámos sobre as mudanças que iriam ocorrer nas nossas vidas, mesmo que não alcançássemos, à época, a sua real dimensão. De facto, em 1980 eu desloquei-me em trabalho, durante o verão, para Chaves e a Susana partiu definitivamente para Lisboa. A festa da segunda metade dos anos 70 estava prestes a terminar e o meu contacto

quase diário (desde 1975) com a Susana também. Mas esses cinco anos, em que o tempo escapou à rigidez cronológica, geraram a construção dum laço que iria perdurar para sempre.

A década de 80 foi a concretização para ambas de projectos diferentes em geografias completamente díspares. Enquanto eu preparei a minha tese de doutoramento sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal (que apresentei na FLUP em 86), a Susana começou por trabalhar como técnica no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa e, mais tarde, passou a integrar os serviços regionais de arqueologia do sul sediados em Évora, com extensão em Beja. Entre Lisboa e o Alentejo, a Susana acabaria por escolher Beja para viver e trabalhar. Nesses anos 80 a Susana trabalhava sem tréguas com a sua conhecida persistência focada. Era admirável vê-la numa espécie de missão obstinada: em demanda do belo, do novo e do justo, com uma paixão sem limites. Lembro-me da nossa visita, em meados de 80, com outros colegas a Los Millares, Almeria. Visita guiada por Fernando Molina, cuja gentileza e conhecimento fizeram dessa estadia um momento alto das nossas vidas. Nos verões encontrávamo-nos assiduamente no Algarve. Fazíamos contas à vida. Que tínhamos feito até então? O que podíamos ainda fazer? Lembro-me de a Susana recitar em modo nostálgico uns versos de Eugénio de Andrade: *“Quem conheça o sul e a sua transparência / também sabe que no verão pelas veredas / de cal a crispação da sombra caminha devagar”*.

Nos inícios de 90 a Susana presenteou-me com a sua presença numa campanha de escavações em Castelo Velho de Freixo de Numão, no Alto Douro. Tivemos então diversas conversas sobre as funções possíveis daquele sítio pré-histórico. Era fácil debater com ela. Mente aberta, a Susana acolhia com naturalidade argumentações alternativas a paradigmas clássicos, desde que fundamentadas. Na sequência dessa sua breve passagem por Castelo Velho, no Alto Douro, a Susana começou a desenvolver escavações no Alentejo, no sítio pré-histórico do Cabeço da Azurria, em Cuba. Tive oportunidade de visitá-la durante as suas escavações e de discutirmos a natureza dos contextos descobertos. Em meados de 90, a Susana apresentou na FLUP, sob minha orientação, uma tese de Mestrado em torno da especificidade deste sítio no âmbito do Calcolítico do Sul de Portugal. Com desenvoltura a Susana dominava todas as facetas da investigação em arqueologia pré-histórica. Ainda hoje penso que teria dado uma grande investigadora da Pré-História Recente no Sul de Portugal. Contudo, as circunstân-



Figura 1 – Pedras d' El Rei, Tavira, anos 80.



Figura 2 – Cabeço da Azurria, Cuba, anos 90.



Figura 3 – Algés, anos 90.

cias não lhe eram favoráveis ao aprofundamento do estudo do Cabeço da Azurria. O imenso trabalho que desenvolvia como arqueóloga dos serviços regionais de arqueologia era incompatível com o tempo exigido pela escavação, análise de materiais e outros estudos correlativos duma investigação individual num sítio tão complexo como o Cabeço da Azurria. Muito recentemente lembro-me de a Susana se lamentar por não ter tido tempo, dinheiro e recursos para, pelo menos, publicar em monografia, todos os dados resultantes dessas intervenções de campo dos anos 90. E recordo-me como passámos algumas horas a falar dos

constrangimentos que rodeiam a investigação arqueológica em Portugal. Responsável como era, a Susana recusava também usar tempo e recursos da entidade estatal para a qual trabalhava para investigar e publicar dados decorrentes dos seus projectos pessoais.

A última década reaproximou-nos inesperadamente.

Um dia a Susana telefonou-me a propor que passássemos férias, eu, ela e o Zé Baguinho, nas praias cálidas e sem ondas do Mediterrâneo ibérico. Meti-me quase sem pensar no meu carro, rumo a Beja, e depois, já no carro da Susana e do Zé, em direcção à nossa comum representação de paraíso: águas quen-

tes e cristalinas à nossa espera em inúmeros sítios belíssimos, algo solitários, por vezes agrestes. Viagens e estadias sucessivas ocorreram diversas vezes na década de 10 deste século. Nomes como Baleo Claudia, Las Negras, Isla Plana, Cartagena, Azohía, presentificam lugares que habitámos e onde eu, a Susana e o Zé fomos repetidamente eternos e felizes.

A Susana com quem convivi durante os últimos dez anos tinha amadurecido em muitos sentidos. Emocionalmente estável, adquirira uma imensa solidez na sua postura como arqueóloga: exercendo, de forma empenhada, inúmeras actividades enquanto técnica dos serviços regionais, promovendo conferências e colóquios locais e regionais, intervindo activamente na realização de encontros visando o conhecimento da arqueologia do sudoeste peninsular.

Uma tarde, fazia 45º em Beja, acompanhei a Susana a Pisões. Ela ia em trabalho auscultar como se encontrava o sítio arqueológico. Parámos junto à casa aonde vivia, sozinha, a funcionária que tinha por missão assegurar a preservação do lugar. Saímos do conforto do carro e enfrentámos o calor abrasador da planície alentejana. A funcionária de Pisões (já não me lembro o nome) veio receber-nos sorridente à porta da sua pequena casa. Ofereceu-nos água e contou-nos como se sentia feliz por viver, solitária, ao lado das ruínas. Mostrou-nos, orgulhosa, uma pequena horta que tinha montado no exterior da casa onde habitava e assegurou-nos que não trocava a solidão do paraíso de Pisões pelo que chamava o bulício de Beja. Com o decorrer da conversa apercebi-me que a Susana estava ali fundamentalmente para saber das condições de vida da funcionária e, sobretudo, para conversar com ela. Falou-se de tudo um pouco, da saúde, da família, do tempo, de memórias, de projectos. A certa altura, deixei-as a conversar e afrontei o calor inclemente da planície para dar uma vista de olhos às ruínas de Pisões. Enquanto caminhava pelo meio do nada emergia em mim um sentimento incomum de duração: sustentado pelo silêncio intemporal das ruínas? pela felicidade pueril da mulher que, sozinha, as protegia? ou pelo sorriso grande e generoso da Susana que cuidava de tudo para que nada faltasse no lugar?

A partida súbita da Susana deixou-me numa atroz perplexidade. Como foi possível? Nada do que eu escreva sobre a nossa amizade durante mais de quarenta anos (mesmo que eu o soubesse fazer) poderá ajudar a superar o vazio sufocante que a sua ausência instaurou. Vejo-me, incrédula, a escrever para um livro em sua homenagem, sem que, de facto, tenha inte-

rriorizado que não mais ouvirei a sua voz ao telefone, nem mais nos riremos enquanto nadamos nas águas do Mediterrâneo.

Sei que a Susana gostava, como eu, deste poema do Pina. Pensando nela e em mim, aqui vai esta “mais-que-coisa” que se perdeu. A poesia salva-nos?

Até sempre, Susana.

As Coisas


*Há em todas as coisas uma mais-que-coisa
fitando-nos como se dissesse: “Sou eu”,
algo que já lá não está ou se perdeu
antes da coisa, e essa perda é que é a coisa.
Em certas tardes altas, absolutas,
quando o mundo por fim nos recebe
como se também nós fôssemos mundo,
a nossa própria ausência é uma coisa.
Então acorda a casa e os livros imaginam-nos
do tamanho da sua solidão.
Também nós tivemos um nome
mas, se alguma vez o ouvimos, não o reconhecemos.*

Manuel António Pina, “Todas as Palavras”

Porto, Setembro de 2022



Figura 4 – Sul, segunda metade dos anos 70.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt